

CONVERGÊNCIAS ENTRE ALIMENTAÇÃO E MEIO AMBIENTE A PARTIR DAS PRÁTICAS DE IMIGRANTES TRANSNACIONAIS EM AMSTERDÃ¹

Carla Pires Vieira da Rocha

Emigrar para um novo país implica redimensionar estilos de vida. A alimentação, assim como o universo de práticas que a circunscreve, constitui um ponto importante nessa direção. À medida que processos relativos à produção e distribuição alimentar decorrentes da industrialização são intensificados, se estendendo cada vez mais em nível planetário, preocupações em torno do impacto ambiental gerado por esses processos passam a ressoar progressivamente na alimentação. Nessa perspectiva, formas de consumo alimentar e também práticas associadas à comida com viés ambiental vêm ganhando expressão em diferentes contextos, constituindo experiências que têm atravessado fronteiras nacionais.

Imigrantes transnacionais² em Amsterdã: compartilhamento de práticas

Amsterdã é exemplo significativo entre capitais mundiais marcadas por forte presença migratória. De acordo com dados do governo,

1 Este texto é resultado de parte da pesquisa de cunho etnográfico realizada com imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã (Holanda), cuja meta principal reside em explorar o que vem moldando as práticas alimentares desses imigrantes e repercutindo na configuração de seus estilos de vida nessa cidade.

2 A categoria *imigrantes transnacionais* para referenciar os sujeitos da pesquisa evidencia a condição migratória desses indivíduos, no sentido de se enquadrarem ao que é concebido sob o termo transnacionalismo, comumente associado a uma série de práticas e que cruzam as fronteiras geográficas, políticas e culturais dos países de origem e de destino, a partir do envolvimento simultâneo dos migrantes nessas sociedades (BACH L., SCHILLER, N., BLANC. S. 1997; BAUBÖCK and FAIST, 2010).

178 nacionalidades estariam ali representadas³. Como mostra a pesquisa realizada com homens e mulheres, de idades entre 21 e 54 anos, provenientes de camadas médias e de diferentes países, que incluem alguns do continente sul-americano (Venezuela, Panamá, Jamaica, Brasil), e também da África (Costa do Marfim) e Europa, a escolha da cidade como destino envolve uma série de fatores. A busca de trabalho ganha relevância, pois Amsterdã é considerada um dos locais mais privilegiados nesse sentido, especialmente na atual conjuntura econômica do continente europeu. No entanto, estudo, turismo, fatores culturais ou, mesmo, questões afetivas também foram apontadas como motivos para desencadear tais deslocamentos.

A escolha de Amsterdã por imigrantes também envolve representações e imaginários relacionados à cidade e ao movimento migratório. Nas falas desses indivíduos, “aberta”, “multicultural” e “tolerante” são termos recorrentes associados à cidade. Em virtude disso, algumas expectativas são também nutridas com relação à forma de modelarem seus estilos de vida, incluindo aspectos e práticas relativas à alimentação.

No entanto, muitas vezes, ao se confrontarem com determinadas realidades, são forçados a reverem seus planos ou empreenderem esforços no sentido de conciliarem seus projetos idealizados com a realidade que se apresenta. Um exemplo significativo refere-se à esfera profissional; algumas dessas pessoas têm formação universitária, mas a falta de domínio do idioma holandês, a indocumentação, ou, mesmo a escassez de oferta em certas áreas, redundam em abraçarem empregos temporários, de menor qualificação exigida e não tão vantajosos do ponto de vista financeiro, como serviços de limpeza, telemarketing, atendimentos em pequenos comércios ou restaurantes.

3 My first month: all you need to know and note. Expatcenter Amsterdam, 11 ed. Jan, 2015.

No que diz respeito à moradia, como a maior parte dessas pessoas veio para Amsterdã num projeto migratório individual,⁴ o mais frequente é alugarem quartos em apartamentos ou casas, pois, comparativamente a algumas outras capitais europeias, o preço dos aluguéis na cidade é bastante elevado. Em geral, essa condição também implica dividir o espaço da cozinha, dos armários, da geladeira, entre outros lugares destinados ao armazenamento e processamento de alimentos. Em consequência, envolve otimizar a utilização desse ambiente, ressoando em ajustes nas práticas ligadas aos alimentos, incluindo o trato das sobras e diferentes resíduos.

A variada presença migratória na cidade também é delineada de maneira expressiva em sua paisagem alimentar, através de itens, comércios e restaurantes associados a diferentes culinárias ao redor do mundo. Além de uma série de produtos industrializados, os traços da acelerada globalização vigente ainda podem ser vislumbrados sobretudo nos supermercados, onde, na seção de produtos frescos, se tem opções como bananas vindas da Colômbia ou Costa Rica.⁵

Num primeiro momento, a oferta diversificada de alimentos nos pequenos mercados ou supermercados de grandes redes – no que se incluem os produtos étnicos –, é vista de maneira positiva por esses indivíduos, principalmente por não encontrarem maiores dificuldades, quando a finalidade é reproduzirem comidas dos seus países de origem ou manterem determinados hábitos cultivados antes de emigrar. Porém, como será abordado mais adiante, conjuntamente a outras questões, essa mesma oferta passa a ser objeto de questionamentos em torno da problemática ambiental.

4 Visto aqui na concepção de Velho (2003), enquanto um projeto de vida.

5 Com relação às consequências da globalização alimentar, ver: Iglis e Gimlin (2010), Nutzenadel e Trentmann (2008), Phillips (2006) e Rial (1995).

Alimentação e meio ambiente

Ao longo do último século, os sistemas alimentares sofreram grandes mudanças, sobretudo no mundo ocidental. Como resultado da modernização alimentar, os modelos de produção, distribuição e comercialização dos mantimentos passaram a vigorar dentro da lógica dos processos industriais, na qual o alimento se torna cada vez mais *deslocalizado*. Nas palavras de Poulain (2006), passou a vigorar uma desconexão parcial entre o comedor e seu universo biocultural.

Em decorrência dos mesmos processos, houve uma generalização dos artigos alimentares, que passaram a ser produzidos em maior quantidade e a um custo relativamente mais baixo, favorecendo um aumento no seu consumo. Na mesma conjuntura, a potencialização das trocas culturais, por meio da globalização dos mercados, e a ampliação das redes distribuidoras e de transportes tornaram disponível uma variedade de itens em diferentes locais e em zonas geograficamente muito distantes. Por outro lado, o uso desordenado dos recursos naturais renováveis e não renováveis, a poluição do ar e das águas, a degradação do solo são alguns dos muitos problemas associados a esses processos.

Assim como discursos em torno do tema já não se limitam a especialistas, ações no sentido de dirimir a problemática ambiental também vêm ressoando em práticas cotidianas, no que se incluem as relacionadas à alimentação.⁶ No relato dos imigrantes mencionados,

6 É importante notar que os questionamentos em torno da qualidade dos alimentos industrializados, assim como dos impactos ambientais, e a busca de alternativas ao consumo, não são propriamente um tema do século XXI. No Brasil, eles surgiram no curso do movimento ecológico desencadeado a partir da década de 1970, fazendo coro a outros tantos movimentos que colocavam em discussão a ordem instituída. Esses movimentos tiveram como ponto em comum sobretudo as críticas à Sociedade de Consumo. Desde os anos 1950, teóricos da Escola de Frankfurt denunciavam a fabricação de falsas necessidades pela *indústria da cultura*, o que influenciou movi-

questões de cunho ecológico associadas às suas práticas alimentares emergiram correntemente. A escolha de alimentos a serem ingeridos (orgânicos, locais, não transgênicos), restrições ao consumo de animais e a produtos embalados, modos de preparo da comida e, mesmo, o trato com o lixo são algumas das atitudes individuais cotidianas consideradas pelos sujeitos da pesquisa como possibilidades de contribuir para minimizar os impactos ambientais, em âmbito doméstico.

Tais práticas, além de evidenciarem dimensões ideológicas e políticas da alimentação, vêm orientando a constituição de estilos de vida dessas pessoas. Nessa concepção, tomamos como referência a noção de Giddens (2002), para quem *estilo de vida* consiste em um conjunto mais ou menos integrado de práticas abraçadas por um indivíduo que, além de preencherem necessidades utilitárias, dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. Seguindo tal linha de pensamento, essas práticas não significam apenas formas alternativas de consumo, mas constituem-se em algo que contribui para dar sentido aos seus projetos de vida.

mentos contrários ao consumo de massa, como os estudantis, *beatniks*, *hippies*, *punks* e *antiglobalistas*. Razões sociais, ecológicas e estéticas fundamentaram esses movimentos, o que incluía a exaltação a formas alimentares alternativas como a manutenção de dietas cruas, orgânicas ou sem carne. É também bastante expressivo o caso do movimento *Slow Food*, implementado na Itália, nos anos 1980, contrário às transformações na indústria alimentícia e a uma possível padronização global dos alimentos do mundo. Essa insurgência foi marcada pela crítica aos modos de produção e, principalmente, aos modos de vida, quando se reivindicava uma relação mais harmônica entre o homem e a natureza (GONÇALVES, 2001). Além do consumo alimentar alinhado com as prerrogativas ecológicas, tal perspectiva defendia formas alternativas de produção e de distribuição. Nas palavras de Pollan (2007, p. 158): “[...] o que você comia era inseparável de como aquele produto era cultivado e como chegava até a sua mesa”. Ver também Belasco (2007).

Práticas alimentares de cunho ambiental dos imigrantes transnacionais em Amsterdã

Embora não seja um tema propriamente novo e nem se parta da mesma motivação político-ideológica, ações ligadas à ecologia têm despertado interesse nos mais distintos segmentos sociais. No que diz respeito a práticas nessa direção, o aumento da oferta de itens produzidos levando em conta critérios de sustentabilidade, assim como iniciativas no sentido de se incorporarem valores ambientais aos hábitos de consumo, como o uso de sacolas biodegradáveis ou reaproveitáveis nos supermercados, podem ser vistas como exemplos nessa direção. No caso da cidade de Amsterdã, além de restaurantes, eventos, feiras, pequenos mercados de orgânicos e mesmo as principais cadeias de supermercado (*Jumbo* e *Albert Heijn*) são alternativas para o consumo desses itens.

O consumo de produtos inseridos em tal categoria (*bio*) é concebido como opção “mais saudável” por alguns desses imigrantes, indo ao encontro de uma tendência crescente de medicalização da alimentação, e que também se expressa de diferentes maneiras nas práticas desses indivíduos.⁷ Além disso, o consumo de alimentos dessa natureza ainda viabiliza maior precisão da sua proveniência, assim como a ciência de como foram cultivados, produzidos, embalados e transportados, possibilitando maior confiabilidade ao que vão consumir, tanto no que se refere à saúde como ao meio ambiente.⁸

Para uma imigrante austríaca, é motivo de indignação não encontrar opções de cultivo ecológico no supermercado do bairro onde

7 Para uma abordagem mais ampla sobre tendências da alimentação em vigor, ver Barbosa (in PINTO e PACHECO, 2009, p. 15-64).

8 Uma reflexão mais aprofundada sobre percepções de risco na contemporaneidade, sua historicidade e relações com a globalização, individualização e reflexividade, pode ser encontrada em Beck (2010) e Giddens (1991).

mora em Amsterdã, como batatas e demais produtos que costuma consumir. Além de considerá-los mais saudáveis e “normais”, no sentido de “mais próximos da natureza e sem manipulação genética”,⁹ coloca em questão a própria dinâmica entre o local e o global, refletida na paisagem alimentar da cidade, em termos da problemática ambiental: “Eu não aceito comprar batatas vindas da Espanha ou Malta; não tem por que eu ir no supermercado e comprar o produto de um local muito mais longe, se aqui na Holanda produzem batatas”.

Referindo-se a alternativas no bairro onde mora, como os mercados turcos – bastante populares nesta região da cidade (*Osdorp-Midden*), devido à correlativa presença de alguns de seus principais habitantes –, essa mesma imigrante pontuou:

Você já viu as caixas dos produtos deles? A maioria dos produtos vem de fora da Europa. Eles compram em grande quantidade e isso significa grandes plantações, monoculturas, fertilizantes, uso inapropriado do solo [...]. Eu não quero comer coisas com veneno. Esses venenos poluem a natureza e conseqüentemente a água que consumimos.

Como expreso no relato acima, do ponto de vista da problemática ambiental, a localidade e formas de produção e distribuição dos alimentos são ressaltados como questões importantes nas práticas relacionadas à alimentação desses indivíduos. Entretanto, se alimentos *bio* são percebidos como mais saudáveis e menos prejudiciais em termos de impacto ambiental, esses produtos também constituem motivo de desconfiança com relação a determinadas ofertas disponíveis na cidade, colocando em evidência crenças e representações que se

9 Sobre atitudes e crenças a respeito das relações entre alimentação, saúde e o corpo, assim como percepções a respeito do que se concebe como alimento natural e mesmo as associadas aos produtos *Bio* no contexto europeu, ver Fischler e Masson (2010).

nutrem em torno da comida e o seu potencial de desencadear imaginários (FISCHLER, 1995).

Enquanto, para a imigrante austríaca, os mercados turcos não oferecem confiabilidade no que se refere à proveniência dos alimentos e seu consequente impacto ambiental, para uma jamaicana, esses comércios – onde compra regularmente verduras, frutas e carnes –, além de representarem maior economia, do ponto de vista financeiro, são mais confiáveis do que os supermercados. Em sua tese, muitos dos produtos vendidos como *bio*, em particular aqueles cujos rótulos carregam o emblema da principal cadeia de supermercados de Amsterdã, não corresponderiam aos princípios que ostentam, se reduzindo essa oferta a somente uma estratégia de venda.¹⁰ O argumento de outra imigrante aponta para a mesma direção:

Eu tento comprar bio, orgânico, mas eu penso que tem muito a ver com um modismo. Tem muitos produtos nos supermercados e muitos mercados bio e eu estou começando a duvidar da originalidade desses produtos. São eles realmente bio, orgânicos ou são só marketing? (italiana).

Como já foi mencionado, o consumo de alimentos produzidos dentro de preceitos ecológicos também é concebido como uma alternativa aos mecanismos do mercado global, ao viabilizar o rompimento com os sistemas de produção convencionais, o que reforça um caráter ideológico e político relacionado ao consumo alimentar. Nessa perspectiva, esse rompimento também pode estar orientado para questões como o incentivo à agricultura local e familiar e ao que isso possa significar em termos sociais, ambientais e culturais. O relato de

10 É interessante observar que, diferente do que ocorre no Brasil, por exemplo, alguns produtos vendidos como *Bio*, em Amsterdã, especialmente os que carregam o rótulo das duas principais cadeias de supermercado citadas, são vendidos com preço inferior ao dos produtos convencionais.

uma imigrante argentina sobre sua experiência no supermercado é indicativo desse ponto de vista:

Havia duas embalagens e eu não sabia a diferença entre as duas; eram da mesma marca, os dois quase iguais, mas um era como dez centavos mais caro e este mais caro era *fair trade* (comércio justo). Não vai mudar minha vida gastar dez centavos a mais e estou de acordo que se faça, que eu tenha um café bom e esteja ajudando um produtor. Me solidarizo com este propósito e compro este café. Também me parece uma questão de respeito ao alimento: quem faz, de onde vem.

Além de expressarem parte do que vem norteando as escolhas alimentares de alguns imigrantes transnacionais em Amsterdã, os relatos acima revelam a importância de se contextualizar não somente a oferta alimentar, como os significados atribuídos a determinados alimentos por esses diferentes indivíduos e também sua percepção sobre fatores de ordem mais ampla que vêm incidido na alimentação e repercutindo em sua vida cotidiana. Ainda é importante considerar que, conjuntamente às escolhas alimentares, questões de natureza ambiental ainda se estendem a outras práticas relacionadas à comida, como o trato com o lixo, implicando igualmente ajustes e negociações, como será abordado a seguir.

Sobras, embalagens e o trato com o lixo

Além da atenção ao que se ingere, as práticas de cunho ambiental associadas à alimentação dos referidos imigrantes ainda abarcam outros aspectos. A partir da observação e de alguns relatos, fica evidente que o exercício e manutenção dessas práticas dependem de uma conjunção de fatores. Como já foi mencionado, viver em um ambiente compartilhado, como é o caso da maior parte dessas pessoas, requer gerir o espaço com mais eficiência e compatibilizar diferentes ações.

Tomando o exemplo da cozinha, e considerando que a maioria relata preparar suas principais refeições em casa, o fato de o local para armazenagem de produtos frescos ou das sobras alimentares em geral ser limitado torna-se uma motivação para se observar tanto a quantidade de comida a ser preparada como a dos demais produtos a serem estocados. Um desses indivíduos, ao narrar sua experiência migratória anterior a Amsterdã, mencionou que compartilhava a moradia em Bruxelas com outras treze pessoas. Essa condição não só repercutia em tentativas de gerenciar melhor o espaço que ocupava dentro da casa, mas demandava um esforço extra para organizar tudo que envolvia suas práticas alimentares.

No entanto, esses redimensionamentos em torno da comida não são somente provocados pela questão de espaço. Tanto a condição econômica em que se encontram, muitas vezes passível de restrições, como certos preceitos que incluem um viés ambiental também vêm modulando as práticas alimentares de alguns desses imigrantes, como já foi acenado. Relatos em torno das sobras alimentares apontam para esta direção:

Eu tento fazer só a porção de comida que eu vou comer. É econômico em todos os sentidos (holandesa)¹¹.

Trato de não desperdiçar nada [...] me habituei muito a cozinhar para uma pessoa ou duas e aprendi bastante a reciclar as sobras [...] e me parece uma vergonha que se desperdice comida (argentina).

11 Embora não possa ser categoricamente considerada uma imigrante em Amsterdã, a entrevistada relata que, além de não se reconhecer como holandesa, se considera uma imigrante em Amsterdã, pois deixou a Holanda com a idade de 3 anos e quando voltou, aos 37 anos, teve de passar por todo o processo de integração no país, incluindo aprender o idioma holandês.

Assim como ocorre com outras práticas relacionadas à comida, no que diz respeito ao trato com o lixo doméstico, especialmente com os resíduos alimentares, algumas ações já faziam parte do estilo de vida de algumas dessas pessoas antes da emigração; para outras, essas ações foram implementadas depois de deixarem o país de origem, resultando de novas experiências incorporadas em Amsterdã ou em deslocamentos anteriores. Em virtude das referidas circunstâncias migratórias, se algumas práticas ligadas à alimentação são forçosamente mais individualizadas (compra de ingredientes, preparo da comida, refeições), lidar com o lixo doméstico, mesmo sendo algo que se desenvolva a partir de uma ação individual, em determinadas situações, envolve conciliar propósitos e, mesmo, interações.

O maior montante de lixo acumulado por quase todos esses indivíduos diariamente compreende resíduos e embalagens alimentares. Do mesmo modo que a comida demanda ajustes, o gerenciamento desta fase das práticas alimentares (GOODY, 1995)¹² tem relação com a dinâmica da casa onde vivem, a disponibilidade de coletores seletivos de lixo no bairro, informações sobre o descarte e a coleta de lixo, assim como hábitos cultivados antes e depois da migração, como se pode constatar no que segue:

Aqui nesta casa não separo o lixo. Não separo porque estou preguiçosa e outras pessoas também não separam. Eu separo algumas vezes no trabalho, mas não aqui [...]. Em outros lugares que morei, não acumulava muito plástico porque comprava no mercado e não havia sacolas de plásticos. Quando morei na Ásia, por exemplo, eu compra-

12 Na concepção de Goody (1996), as atividades relacionadas ao provimento e transformação dos alimentos compreenderiam cinco fases: 1. Produção; 2. Armazenamento; 3. Preparação; 4. Consumo e 5. Descarte do lixo. Para este autor, embora a quinta e última fase sejam em geral ignoradas no âmbito dos estudos alimentares, ela exerce relevância quando se busca compreender o sistema alimentar de uma determinada sociedade.

va legumes e peixe e colocava tudo direto na minha bolsa (holandesa).

Eu normalmente separava o lixo, mas aqui não separo. Na Suíça é quase um pecado; você não pode deixar de separar. Lá, todo mundo separa o lixo. Aqui eu não separo porque nesta casa que eu moro não há separação. Eu não tenho ideia de onde colocar papel, vidro ou plástico (suíça).

Aqui em Amsterdã, andava buscando um lugar para colocar as caixas de suco e de leite [...] não sabia onde era e há alguns bairros como este que não há onde colocar este tipo de embalagem; tenho que colocar tudo com o lixo normal e a mim isso incomoda: porque colocar aí quando poderia ser reciclado? (argentina).

Na China eu não separava o lixo porque não era usual; na Itália separava, mas é mais complicado e aqui, em Amsterdã, separo, mas ninguém realmente nunca me explicou como isso funciona (italiana).

Como mostram os relatos acima, para estes imigrantes, a dinâmica da casa ou, mesmo, o provimento de coleta de lixo específico no bairro onde vivem, pode implicar o relaxamento ou abandono de ações relacionadas aos resíduos domésticos. Porém, o oposto também ocorre. Segundo um imigrante africano, a sua ocupação com a separação do lixo só se efetivou quando passou a dividir um apartamento com alguém que o fazia de maneira regular. Desde então, incorporou “automaticamente” essa prática ao seu cotidiano.

Outra questão envolvendo a produção de lixo doméstico e recorrente nos relatos de alguns desses indivíduos relaciona-se às embalagens de comidas. As principais redes de supermercados em Amsterdã, ao passo que reproduzem traços da cultura alimentar na Holanda, onde o almoço, em geral, não é considerado a refeição mais importante, podendo ser constituído apenas de sanduíches, saladas ou frutas, também se alinham à tendência crescente de individualização das

práticas alimentares, sobretudo no mundo ocidental (FISCHLER, 2013). Em decorrência, ofertam uma diversidade de produtos em pequenas porções: alimentos processados ou frescos e também aqueles prontos para o consumo, como frutas descascadas e cortadas, saladas, sanduíches etc. Embora esse sistema contribua para evitar o desperdício de comida e, do ponto de vista financeiro, possa até ser mais vantajoso, levando em conta uma perspectiva ambiental, ele é alvo de críticas por parte de alguns desses indivíduos, determinando, inclusive, reformulações no seu consumo:

Uma das coisas que eu não gosto de Amsterdã é que as comidas vêm todas em muitas embalagens [...] não há necessidade de tantas embalagens. Ninguém coloca tanta embalagem na comida como aqui. Se eu compro gengibre no Albert Heijn,¹³ por que ele necessita vir em embalagem? Eu tento entender onde é melhor comprar [...]. Então, no fim de semana, eu fui num mercado marroquino comprar frutas e verduras. A comida vem de longe, mas tem pouca embalagem e é mais econômica (italiana).

Eu sei que produzo muito lixo. Agora que eu moro na Europa, eu compro muitas coisas que vêm em plástico; tudo vem em plástico e isso é uma coisa terrível, plástico não se desintegra. [...] Isso começou quando eu morava em São Francisco, na Califórnia. Lá, se você joga algo da janela do carro, a multa é de até 1.500 dólares (holandesa).

Eu creio que, em geral, as comidas aqui são bem pensadas; um sanduíche é um sanduíche e está bem. Na Europa, em geral, creio que está bem pensado o tamanho da porção. Mas, há uma contradição: quando penso em uma pessoa comprando uma salada no supermercado, imagino alguém correndo para um escritório e não me parece algo bom. Ao mesmo tempo, eu penso que esta embalagem de plástico vai ser jogada no lixo [...] tudo tem um pró e um contra (argentina).

13 Maior rede de supermercados da Holanda.

Os aspectos que vêm atravessando as escolhas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã permitem vislumbrar a maneira pela qual a comida contribui para constituir seus estilos de vida, seja através de uma perspectiva mais saudável ou, então, mais alinhada com certos preceitos ambientais, ressaltando dimensões políticas e ideológicas relacionadas à comida. O conjunto dos relatos apresentados sugere que a compreensão do que norteia a relação entre alimentação e migração envolve considerar não apenas as especificidades do contexto onde esta se dá, mas ainda a interlocução deste contexto com o panorama mais amplo de transformações, no qual a alimentação no mundo contemporâneo está imersa. Além disso, essa contextualização é particularmente importante porque se os indivíduos se deslocam carregando consigo ideias, crenças, comportamentos e práticas relacionadas à comida, à medida que se inserem em um novo ambiente, estão sujeitos a reverem e a reformularem esta série de elementos, pois, similar a outros fenômenos culturais, a alimentação é algo dinâmico e, portanto, passível de mudanças e redimensionamentos.

Este trabalho foi realizado durante uma bolsa de estudos apoiados pelo programa de cooperação internacional CAPES / NUFFIC na VU – University Amsterdam. Financiado pela CAPES - Agência Federal de Apoio e Avaliação de Nível Superior do Ministério da Educação do Brasil.

Referências

BACH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; BLANC, Cristina. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Amsterdam: Gordon and Breach Publishers, 1997.

_____. *Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration*. ANNALS OF THE NEW YORK ACADEMY OF SCIENCES, n. 645, p. 1-24, 1992.

BARBOSA, Livia. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Janie K. (Orgs.). *Juventude, Consumo e Educação 2*. Porto Alegre: ESPM, 2009. p. 15-64.

BAUBÖCK, Rainer; FAIST, Thomas. *Diaspora and Transnacionalism. Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: University of Amsterdam, 2010.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BELASCO, Warren. *Appetite for change: How the counterculture took on the food industry*. New York: Cornell Paperbacks, 2007.

FISCHLER, Claude e MASSON, Estelle. *Comer: A alimentação de franceses, outros europeus e americanos*. São Paulo: Senac, 2010.

FISCHLER, Claude. *Selective Eating: The Rise, Meaning and Sense of "Personal Dietary Requirements"*. Paris: Odile Jacob, 2013.

_____. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. A trajetória do eu. In: *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 70-104.

GOODY, Jack. *Cocina, Cuisine y Clase: estudio de sociología comparada*. México: Gedisa, 1995.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 2001.

IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010. p. 185-196.

_____. *My first month: all you need to know and note*. Expatcenter Amsterdam, 11.ed. jan, 2015.

NUTZENADEL, Alexander; TRENTMANN, Frank. *Food and globalization: Consumption, Markets and the politics of the modern world*. Oxford: Berg, 2008.

- PHILLIPS, Lynne. "Food and globalization". *Annual Review of Anthropology*. v. 35, p. 37-57, 2006.
- POLLAN, Michael. *O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da Alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: EDUFSC, 2004.
- RIAL, Carmen. "Os Charmes dos fast-foods e a Globalização cultural". *Rev. Antropologia Em Primeira Mão*, n. 7, 1995.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.